

SÓFOCLES

Antígona

Traduzido do grego por

DONALDO SCHÜLER

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Apresentação

Antígona é uma peça de fortes contrastes. Onde convocar forças para derrubar o tirano quando cidadãos respeitáveis calam? Sófocles coloca em cena uma mulher sem partidários, sem exército, sem nada. Antígona abala a tirania sozinha. E isso numa sociedade em que a vida pública era de exclusiva competência masculina. O homem é terrível (deinós), dirá o coro. Preserve-se a ambigüidade. O homem é terrível no crime e na virtude, em altos pensamentos e atitudes intempestivas, na opressão e na luta pela liberdade. Antígona morre? Morre! Morre como poucos. Morre para dignificar todos os que em todas as épocas atacam a injustiça. Não há tormento maior do que viver como Creonte, o tirano – entre ruínas espalhadas pelos seus desatinos. Antígona é uma aventura de lealdade, dignidade, linguagem, vida.

Donaldo Schüler

Prólogo

ANTÍGONA

Comum no sangue, querida irmã, caríssima Ismene,
sabes de algum mal, dos que nos vêm de Édipo,
que Zeus não queira consumir em nossas vidas?

Nada – angústia, infortúnio,
humilhação, desonra –, não há **(05)**

mal que eu não veja cair sobre ti, sobre mim.

E agora... Que novo decreto – propalam –
é este que o general acaba de proclamar em toda a
[cidade?

O que sabes? Ouviste algo? Ou ignoras
que atacam a entes queridos nossos – malefícios
[vindos de inimigos? **(10)**

ISMENE

Eu? Nenhuma notícia, Antígona, sobre queridos
tenho nem doce nem dolorosa, desde quando
ambas perdemos nossos dois irmãos,
num só dia, um aos golpes do outro.
Com a retirada do exército argivo **(15)**

à boca da última noite, informação alguma me veio
que pudesse agravar ou aliviar a dor.

ANTÍGONA

Bem o sabia. Por isso mesmo te trouxe
para fora das portas do palácio a fim de que me
[ouças a sós.

ISMENE

De que se trata? Proferes palavras inquietantes. **(20)**

ANTÍGONA

Não conheces o decreto de Creonte sobre nossos
irmãos?

A um glorifica, a outro cobre de infâmia.

A Etéocles – dizem – determinou dar,
baseado no direito e na lei, sepultura
digna de quem desce ao mundo dos mortos. **(25)**

Mas quanto ao corpo de Polinice, infaustamente morto,
ordenou aos cidadãos, comenta-se,
que ninguém o guardasse em cova nem o pranteasse,
abandonado sem lágrimas, sem exéquias, doce
tesouro

de aves, que o espreitam famintas. **(30)**

As ordens – propalam – do nobre Creonte, que
[ferem a ti

e a mim, a mim, repito, são estas, que vem para cá
com o propósito de anunciar as ordens aos que ainda
não

[as conhecem

explicitamente. O assunto lhe é tão sério que, se alguém transgredir o decreto, **(35)** receberá sentença de apedrejamento dentro da cidade.

É o que eu tinha a te dizer; mostrarás agora se és nobre ou se, embora filha de nobres, és vilã.

ISMENE

Desventurada! Se as coisas estão assim, eu, que posso fazer? Mudaria o quê? **(40)**

ANTÍGONA

Se queres me ajudar, se estás disposta a colaborar,
[escuta.

ISMENE

A que riscos me convidas? Qual é teu plano?

ANTÍGONA

Ajuda-me a levantar o corpo. Quero teus braços.

ISMENE

Queres sepultá-lo contra as determinações da cidade?

ANTÍGONA

Sepultarei meu irmão, ainda que não queiras, **(45)**
e o teu. Não poderão acusar-me de traidora.

ISMENE

Que ousadia! Contra o decreto de Creonte?

ANTÍGONA

Quem é ele para separar-me dos meus?

ISMENE

Ai de mim! Pensa, irmãzinha, em nosso pai,
pereceu odiado, escarnecido; **(50)**
ao descobrir seus crimes, os dois
olhos arrancou, ele mesmo, com suas próprias mãos;
depois, ela, mulher e mãe dele, dois nomes para
[a mesma,
no laço de uma corda extinguiu a vida;
há pouco, nossos irmãos, num mesmo dia **(55)**
se mataram, desditos, o destino
comum selaram, aniquilando-se mutuamente no poder
[dos braços.

Agora, restamos só nós duas; vê
que morte miserável teremos, se à força da lei
e à decisão soberana do tirano nos opusermos. **(60)**
Põe na cabeça isso, mulheres
somos, não podemos lutar com homens.
Há mais, somos dirigidas por mais fortes,
temos que obedecer a estas leis e a leis ainda mais
[duras.

De minha parte, rogo aos que estão debaixo da
[terra **(65)**

que tenham piedade de mim, sou forçada a isso,
obedecerei a quem está no poder; fazer
mais que isso não tem nenhum sentido.

ANTÍGONA

Não te direi mais nada, mesmo se quisesses
ajudar, a mim não me trarias nenhum prazer. **(70)**
Age como te parece melhor; a esse eu
enterrarei. Se ao fazê-lo tiver que morrer, que bela
[morte será!

Amada repousarei com ele, com meu amado,
criminosamente pura, por mais tempo
deverei agradar os lá debaixo que os cá de cima. **(75)**
Lá repousarei para sempre. Tu, se te parece,
descura o que honram os deuses.

ISMENE

Não pratico atos desonrosos, mas
afrontar a autoridade dos cidadãos me é impossível.

ANTÍGONA

Agarra-te a teus pretextos. Quanto a mim,
[sepultura **(80)**
vou dar a meu queridíssimo irmão.

ISMENE

Pobre infeliz! Enches-me de medo.

ANTÍGONA

Não temas por mim. Cuida de tua própria sorte.

ISMENE

Pelo menos não reveles a ninguém

teus propósitos, age em segredo, também eu
[me calarei. **(85)**

ANTÍGONA

Fala, peço-te! Muito mais odiosa me serás
calada. Declara tudo a todos.

ISMENE

De fogo é teu coração em atos que me gelam.

ANTÍGONA

Mas sei agradar aos que mais que tudo devo agradar.

ISMENE

Se o pudesses, mas amas o impossível. **(90)**

ANTÍGONA

Está bem! Quando me faltarem forças, cessarei.

ISMENE

Não convém nem começar a buscar o impossível.

ANTÍGONA

Se falas assim, terás meu ódio,
e, com razão, serás odiosa ao morto.
Deixa-me, deixa que minha loucura **(95)**
se afunde em horrores. Não padecerei, com certeza,
nada que não seja morrer gloriosamente.

ISMENE

Se assim te parece, vai. Sabe, no entanto, isso,
és uma louca, mas irrepreensivelmente amável
[aos que amas.

Párodo

Estrofe 1

Todos

Brilho solar, o mais belo **(100)**
que já surgiu na, de sete portas,
Tebas, incomparável a fulgores passados,
surgiste, enfim, ó, do áureo
dia, olho. Sobre a fonte
de Dirce passando, **(105)**
ao argivo de níveos escudos,
veloz com arcos e arcas,
em fuga, apressou o passo
no ranger de rodas.

CORIFEU

A esta terra Polinice, **(110)**
incitado por causticantes contendias,
o conduziu, clangor de ataque
como de águia que se lança ao solo,
fulgurante em asas de neve,
mar de armas, **(115)**
capacetes de caudas eqüinas.

Antístrofe 1

TODOS

Circundando os tetos de nossos lares,
abre o bico contra as sete portas,
lanças famintas.

Partiu antes de saciar **(120)**
a sede de sangue,
antes que a coroa de torres
devorassem as fauces do fogo de Hefesto.
Cede aos duros embates
de Ares, aos golpes **(125)**
da Serpe raivosa.

CORIFEU

Zeus a jactância da língua altaneira
rejeita, vendo-os virem
em potentes torrentes, fulgores
de ouro nas armas soberbas, **(130)**
irrompe com raios e abate
quem nas muralhas
já alardeia vitória.

Estrofe 2

TODOS

Em ressonante terra qual Tântalo tomba,
tocha em punho, louco de fúria, **(135)**
quem delirante soprava

com a violência de ventos raivosos.
Outros intentos tinha,
outros outra sorte tiveram
no embate com Ares, valente corcel. **(140)**

CORIFEU

Sete valentes contra sete batentes
na luta de iguais contra iguais deixaram
prêmios de bronze a Zeus Protetor.
Menos os dois desditos, do mesmo pai,
da mesma mãe nascidos, lançando **(145)**
mútuas lanças comungam
ambos de morte comum.

Antístrofe 2

TODOS

Mas megalônima nos veio a Vitória,
obsequiosa a Tebas dos mil carros de guerra.
Findas funestas refregas, **(150)**
tombam no lago do olvido.
Com coros noturnos os templos divinos
todos busquemos. Preceda-nos Baco
ao som retumbante do solo tebano.

CORIFEU

Mas eis que vem o rei desta terra, **(155)**
Creonte Menécio, novo chefe,
enviado por deuses para novos sucessos.

O que menta na mente,
visto que convocou
esta assembléia de anciãos **(160)**
com públicos pregões.

Primeiro Episódio

CREONTE

Senhores, os deuses reergueram poderosamente esta cidade, sacudida por fortes sismos.

Dentre todos, pela voz de mensageiros, vos mandei vir, sabendo que sustentastes o trono de Laio **(165)** e seu poder, respeitosos sempre.

Pois, depois que Édipo, salva a cidade, morreu, permanecestes leais a seus filhos com íntegros propósitos.

Como ambos pereceram com duplo destino **(170)** em um só dia, matando e morrendo com mãos sacrílegas, poder e trono coube-me a mim, parente mais próximo dos mortos.

É impossível perscrutar de quem quer que seja **(175)** psique, pensamentos, intenção, antes de manifestá-los no exercício do governo e das leis.

Quanto a mim, quem dirige o estado, se não se apegua aos melhores conselhos, mas por receio trava a língua, **(180)**

parece-me ser o pior agora e sempre.
E quem, acima da pátria,
estima o amigo, declaro-o ninguém,
pois eu, saiba-o Zeus que sempre tudo vê,
não silenciarei percebendo a ruína **(185)**
ameaçar os cidadãos, nociva ao bem-estar.
Um homem mal-intencionado para com a cidade
jamais declararei amigo, sabendo isso que
ela me proporcionou o bem e navegando
nela corretamente faremos amigos; **(190)**
com estes princípios engrandecerei esta cidade.
E agora, irmanados a estes princípios, tenho
determinações a proclamar sobre os filhos de Édipo.
Etéocles, que, em luta por esta cidade,
pereceu, brilhando em todos os combates, **(195)**
determino que seja sepultado, digno de todos os ritos
que acompanham os melhores ao mundo dos mortos,
mas, quanto ao irmão dele, refiro-me a Polinice,
que atacou a pátria e seus deuses,
retornando do exílio quis com tochas **(200)**
reduzi-la a cinzas e levar cativos os cidadãos,
que esse, já determinei à cidade,
não receba sepulcro nem lágrimas,
que o corpo permaneça insepulto,
pasto para aves **(205)**
e para cães, horrendo espetáculo para os olhos.
Esta é minha decisão, jamais de mim
obterão os maus a honra devida aos justos.
Mas o que tiver sentimentos favoráveis a esta
[cidade, vivo

ou morto, será no mesmo grau, honrado por mim.
(210)

CORIFEU

É teu dever, Menécio, decidir sobre o que fazer
com o inimigo ou com o benfeitor desta cidade.
Compete a ti administrar a lei a todos,
tanto aos vivos quanto aos mortos.

CREONTE

Quer dizer que me ajudais no cumprimento
[das ordens... **(215)**

CORIFEU

Encarrega pessoas mais jovens.

CREONTE

Com certeza, guardas vigiam o morto.

CORIFEU

Então, o que mais queres de nós?

CREONTE

Que ninguém ampare transgressores da lei.

CORIFEU

Não há ninguém tão tolo que deseje morrer. **(220)**

CREONTE

A recompensa é precisamente essa. A esperança de lucro já causou a ruína de muitos.

GUARDA

Senhor, não digo que por causa da pressa venho sem fôlego nem cheguei correndo.

Preocupações me detiveram várias vezes **(225)**

no caminho e me forçaram a retroceder.

Meu espírito me falava com insistentes argumentos:

“Tolo, para que corres ao lugar onde o castigo te espera?

Desgraçado, por que não te apressas?

[Se Creonte o souber
por outro, como escaparás do castigo?” **(230)**

Remoendo tais pensamentos, com dificuldade

[movia os pés,
assim uma distância curta se alongou.

Por fim, venceu o plano de me apresentar a ti, mesmo que não diga nada ... falarei

[mesmo assim.

Venho agarrado a esta esperança: **(235)**

não sofrerei nada que não me tenha destinado a sorte.

CREONTE

Por que tens tanto receio?

GUARDA

Quero falar-te primeiro de mim mesmo.

Quem fez o serviço não fui eu, nem vi quem o fez.

Não é justo que seja castigado como infrator. **(240)**

CREONTE

Adivinhas bem o que te vai acontecer e te proteges com rodeios. Vamos, revela a novidade que escondes.

GUARDA

Perigo assusta.

CREONTE

Fala duma vez e some daqui.

GUARDA

Está bem, vou falar; o morto, alguém acaba
[de sepultá-lo. **(245)**

Foi-se depois de cobrir o cadáver com pó
sedento e cumprir com outras cerimônias prescritas.

CREONTE

O quê? Quem se atreveu a fazer isso?

GUARDA

Não sei. Ali não havia sinal de picareta
nem terra amontoadada por enxada. O solo
[estava firme **(250)**

e seco, sem fenda, sem rastro
de roda. O autor não deixou vestígio.
Quando a primeira sentinela do dia
nos alertou, todos fomos tomados de aflitivo espanto.
O corpo tinha sumido. Não que o tivessem
[sepultado. **(255)**

Estava coberto de uma leve camada de pó para
[evitar o sacrilégio.

Não havia sinal de fera ou de cão
que tivesse se aproximado para o devorar sem arrastá-
lo.

Começamos a incriminar-nos mutuamente,
um guarda culpava o outro; e teríamos **(260)**
chegado à pancadaria sem quem nos apartasse.

Insultos vinham de cá e de lá,
ninguém confessava, todos garantiam ignorar.

Estávamos prontos a tomar ferro candente nas mãos,
caminhar sobre brasas e jurar pelos deuses, **(265)**
para provar que éramos inocentes e que ignorávamos
quem tinha planejado e cometido o delito.

Por fim, quando já não havia o que investigar,
um de nós diz uma palavra que nos obriga

[a baixar a cabeça,
cheios de medo; não tínhamos o que **(270)**
objetar, nem nos ocorria conselho
melhor. A sugestão era que te informássemos
do ocorrido sem esconder nada.

A proposta foi aprovada, e a mim, desgraçado,
a sorte indicou para trazer-te a nova. **(275)**

E aqui estou contrariado para dizer o que não

[queres ouvir. Bem sei
que ninguém estima um mensageiro de más notícias.

CORIFEU

Senhor, não virá dos deuses
esta obra? Esta suspeita já me inquieta há muito.

CREONTE

Cala-te antes que tuas ponderações me enfureçam.

(280)

Não sejas, além de velho, ignorante.

É intolerável o que dizes, que os deuses
se interessem por este morto.

Acaso o tratariam como benfeitor,
dando-lhe sepultura, um que veio templos **(285)**
colunados incendiar, profanar sacrifícios,
devastar o terra deles e as leis?

Viste, alguma vez, deuses honrarem maus?

Nunca! Acontece que, desde o começo, há na cidade
pessoas que se opõem a meus decretos,

[falam contra mim, **(290)**

às escondidas sacodem a cabeça. Não estão dispostos

a

inclinar o pescoço ao jugo e obedecer-me.

Estes – vejo-o com clareza –

levaram com suborno os guardas a agir como agiram.

Nenhuma instituição pior que o dinheiro **(295)**

floresceu entre os homens. Cidades

devasta, arranca homens de suas casas,

alicia e seduz corações

virtuosos a praticar ações infames.

Leva homens a cometer crimes **(300)**

e os inicia na impiedade, origem de todo mal.

Mas os que delinqüem subornados

terão um dia que prestar contas de seus atos.

Tão certo quanto vive Zeus, a quem venero,

eu te garanto – falo sob juramento – que **(305)**
se não encontrardes o culpado deste sepultamento
e o não trouxerdes à minha presença,
a morte não vos será suficiente, eu vos
suspenderei vivos até que me esclareçais
[esta insolência,
para que saibais daqui em diante **(310)**
onde haveis de buscar recompensa e que
não convém desejar tirar proveito de tudo.
Verás que com ganhos ilícitos os
que se arruínam superam os que prosperam.

GUARDA

Posso falar ou dou meia-volta e me mando? **(315)**

CREONTE

Não percebes que não agüento mais tua voz?

GUARDA

Ela te dói nos ouvidos ou na mente?

CREONTE

Que te importa saber onde ela me dói?

GUARDA

O infrator te perturba o espírito; eu, os ouvidos.

CREONTE

Céus, que sujeito impertinente! **(320)**

GUARDA

Mas quem fez o serviço não fui eu.

CREONTE

É exatamente isso! Trocaste tua vida por dinheiro.

GUARDA

Desgraça!

É terrível quando quem julga tem por certo o falso.

CREONTE

O que julgo não é da tua conta. Se não me **(325)**
apresentardes os culpados, vereis que
o lucro desonesto traz desgraça.

GUARDA

Oxalá o encontrem. Quanto a
agarrá-lo ou não, quem o decide é a sorte.
De maneira alguma me verás aqui de novo. **(330)**
Contra a esperança e contra o que eu supunha,
saio vivo, graças a um grande favor dos deuses.

Primeiro estásimo

Estrofe 1

De tantas maravilhas,
mais maravilhoso de todas é o homem.
O espumante mar nos ímpetos dos ventos
[austrais **(335)**

sulca, bramantes
ondas fende,
e cultiva a dos deuses mãe, a Terra
imortal, incansável,
revolvendo-a ano após ano **(340)**
com arados movidos
por força eqüina.

Antístrofe 1

A linhagem das leves aves
leva capturadas
e as raças das feras agrestes, **(345)**
peixes em penca prende
nas malhas das redes
o homem perspicaz;
engenhoso persegue a fera
fauna dos montes, **(350)**
doma corcéis,
ao duro jugo
sujeita touros sanhudos.

Estrofe 2

A voz, o pensar
volátil e as urbanas leis **(355)**
das assembléias ele as ensinou
a si mesmo, fugiu
da áspera agressão do frio
e dos dardos das tempestades.

Aparelhado, desaparelhado não acata nada **(360)**
do que lhe advém; só da morte
fuga não lhe acena,
ainda que de indômitas moléstias
alcance escape.

Antístrofe 2

De saber fecundo, move recursos inesperados **(365)**
ora ao bem, ora ao mal.
Una as leis da terra
à justiça jurada
dos deuses, e amuralhado será;
desamuralhado **(370)**
se saiba, porém,
atrelando-se a insultá-las.
De meus altares
não se aproxime
nem perturbe meu pensar quem assim procede. **(375)**

Segundo episódio

CORIFEU

Estranho... Tenho visões... Estou
perplexo! Posso negar o que vejo,
que se trata da jovem Antígona?
Pobre infeliz,
filha de um pai infeliz, Édipo. **(380)**
O quê? Trazem-te por desobediência
às leis do soberano,
foste apanhada cometendo uma loucura?

GUARDA

Esta é a cuja que fez o serviço.
Foi presa enterrando. Mas onde está Creonte? **(385)**

CORIFEU

Aí, vem do palácio no momento oportuno.

CREONTE

Que houve? No momento oportuno, por quê?

GUARDA

Senhor, os mortais não deveriam jurar,
pois a reflexão desmente a intenção.
Jurei que tão cedo não voltaria à tua presença, **(390)**
abalado pelas ameaças com que me apavoraste.
Contudo – pois o prazer inesperado
supera em muito qualquer outro –,
venho, mesmo quebrando o que jurei.
Trago-te esta jovem, surpreendida na execução **(395)**
dos ritos fúnebres. Desta vez não foi necessário
[lançar sortes,
a descoberta é só minha, de nenhum outro.
Agora, Senhor, procede como desejas:
julga, interroga. Que me considere livre
deste assunto, é justo. **(400)**

CREONTE

Esta jovem, que me trazes, apanhaste-a onde, como?

GUARDA

Foi ela que sepultava o tal, isso é tudo.

CREONTE

Compreendes bem o que dizes? A denúncia é grave.

GUARDA

Esta que aqui está, eu a vi enterrando o corpo
que proibiste enterrar. Compreendes?
[Falei claro? **(405)**

CREONTE

Tens certeza? Foi presa em flagrante?

GUARDA

Foi assim. Quando voltei,
ainda atordado por tuas impiedosas ameaças,
removemos todo o pó que cobria
o corpo, expondo cuidadosamente o cadáver
[em decomposição. **(410)**

Montamos guarda no alto da colina, ao abrigo do
vento,

protegidos do repelente fedor que dele se desprendia.

Para espantar o sono, um insultava o outro com
palavras

grosseiras, quisemos evitar que alguém se distraísse.

Passaram horas e horas. **(415)**

O disco do sol subiu até o alto da abóbada celeste.

O calor abrasava. Então, de repente, um vento
tempestuoso ergueu um cone de pó, flagelo celeste
a devastar os campos. Arranca as folhas
dos bosques na planície, largadas **(420)**

no vasto espaço. Cerrados os olhos,
[suportamos o castigo celeste.

Findo o furor, decorridos longos instantes,
aparece a jovem, com agudos gemidos,
canto de ave desolada ao ver vazio
o ninho, despojado o berço,

[desaparecidos os filhotes. **(425)**

Assim esta, percebendo o cadáver descoberto,

prorrompeu em lamentos, proferiu iradas
imprecações contra os sacrílegos.

Sem demora juntou pó ressequido com

[suas próprias mãos

e com um vaso de bronze forjado **(430)**

verte três vezes libações sobre o corpo

[antes de cobri-lo.

Ao presenciarmos isso, precipitamo-nos

e a prendemos sem que ela mostrasse receio.

Lançamos-lhe em rosto atos proibidos, de antes

e repetidos agora. Ela não negou nada. **(435)**

Senti-me alegre e triste ao mesmo tempo.

Escapar a dificuldades é

bem agradável, mas lançar pessoas na desgraça

é doloroso. Enfim, nada me é mais

importante que minha reabilitação. **(440)**

CREONTE

E tu, tu que baixas a cabeça,

admites ou negas que procedeste assim?

ANTÍGONA

Admito, não nego nada.

CREONTE

Tu, podes retirar-te para onde queres,

de acusações condenatórias estás livre. **(445)**

E tu, declara sem rodeios, sinteticamente.

Sabias que eu tinha proibido essa cerimônia?

ANTÍGONA

Sabia. Como poderia ignorá-lo? Falaste abertamente.

CREONTE

Mesmo assim ousaste transgredir minhas leis?

ANTÍGONA

Não foi, com certeza, Zeus que as proclamou, **(450)**
nem a Justiça com trono entre os deuses dos mortos
as estabeleceu para os homens.

Nem eu supunha que tuas ordens
tivessem o poder se superar
as leis não-escritas, perenes, dos deuses,
[visto que és mortal. **(455)**

Pois elas não são de ontem nem de hoje, mas
são sempre vivas, nem se sabe quando surgiram.
Por isso, não pretendo, por temor às decisões
de algum homem, expor-me à sentença
divina. Sei que vou morrer.

[Como poderia ignorá-lo? **(460)**

E não foi por advertência tua. Se antes da hora
morremos, considero-o ganho.

Quem vive num mar de aflições iguais
às minhas, como não há de considerar a

[morte lucro?

Defrontar-me com a morte **(465)**

não me é tormento. Tormento seria,

[se deixasse insepulto
o morto que procede do ventre

de minha mãe. Tuas ameaças não me atormentam.
Se agora te pareço louca,
pode ser que seja louca aos olhos de um louco. **(470)**

CORIFEU

Nela se revela uma estirpe inflexível,
[de um pai inflexível
filha. Não sabe ceder aos golpes do mal.

CREONTE

Sabe, entretanto, que as vontades mais rijas
são as que mais quebram. Verás o ferro
mais inflexível, endurecido a fogo, **(475)**
rachar com frequência e romper.
Com um pequeno pedaço de bronze sei que os potros
mais xucros são domados. Não se mostre
altaneiro quem é escravo de vontade alheia.
Esta já se mostrou insolente **(480)**
ao transgredir as leis estabelecidas.
Insolência renovada é orgulhar-se
e rir, cometida a transgressão.
Agora, entretanto, homem não serei eu,
[homem será ela,
se permanecer impune tamanho atrevimento. **(485)**
Ainda que seja filha de minha irmã, ainda que
me seja a mais próxima dos que rendem
[culto ao Zeus doméstico,
nem esta nem a mana dela escaparão
da morte mais infame. Acuso aquela
cúmplice desta trama. **(490)**

Chamem-na. Ainda há pouco a vi
enfurecida sem saber dominar-se.
A perturbação dos que tramam perversidades
na sombra costuma trair os infratores.
Odeio os que, quando em maquinações
[criminosas **(495)**
apanhados, procuram embelezar os delitos.

ANTÍGONA

Estou nas tuas mãos. Mata-me. Que mais queres?

CREONTE

Eu? Nada. Tenho o que desejo.

ANTÍGONA

Então, o que esperas? A mim, em tuas palavras,
não me agrada nada nem jamais poderá, **(500)**
nem há nada que te possa causar prazer.
Contudo, onde poderia procurar renome mais
fulgente do que na ação de dar a meu irmão
sepultura? Todos estes o aprovam,
e o declarariam se o medo não lhes
[travasse a língua. **(505)**
Mas a tirania, entre muitas outras vantagens,
tem o privilégio de fazer e dizer o que lhe apraz.

CREONTE

Isto, entre todos os filhos de Cadmo, só tu o vês.

ANTÍGONA

Também estes o vêem, mas, intimidados por ti,
[mordem a língua.

CREONTE

E tu, não te envergonhas do teu comportamento,
[oposto ao deles? **(510)**

ANTÍGONA

Nada de vergonhoso há em honrar os do mesmo sangue.

CREONTE

Não era consangüíneo teu o que morreu lutando com ele?

ANTÍGONA

Consangüíneo, da mesma mãe e do mesmo pai.

CREONTE

Como rendes honras que lhe são injuriosas?

ANTÍGONA

Não será este o testemunho do morto. **(515)**

CREONTE

Será, pois se honras um, injurias o outro.

ANTÍGONA

Quem morreu não foi um escravo, foi o irmão.

CREONTE

Este atacava sua pátria, o outro a defendia.

ANTÍGONA

A lei do Reino dos Mortos é igual para todos.

CREONTE

Mas o mau não tem direitos iguais ao justo. **(520)**

ANTÍGONA

Quem sabe se lá embaixo se terá este
[princípio por piedoso.

CREONTE

O inimigo, nem morto, será considerado justo.

ANTÍGONA

Não fui gerada para odiar, mas para amar.

CREONTE

Muito bem, se precisas amar os mortos,
[incorpora-te a eles,
ama-os. Mas, em minha vida, não permitirei
[que uma mulher governe. **(525)**

COREUTA

Já se encontra à porta Ismene,
derrama lágrimas de afeto pela irmã.
Nuvem sombria cobre-lhe a fronte,

escurece-lhe o rosto,
umedece-lhe a formosa face. **(530)**

CREONTE

Tu, víbora, penetraste em meu palácio
para sugar sorrateiramente meu sangue; sem saber,
eu alimentava duas calamidades, ruína de meu trono.
Vamos, dize-me, desta cerimônia
és cúmplice ou juras que de nada sabias? **(535)**

ISMENE

Cúmplice, se ela aceita minha cumplicidade,
solidária no ato e na responsabilidade.

ANTÍGONA

Não, a Justiça não o permitirá,
não quiseste acompanhar-me, nada tramei contigo.

ISMENE

Seja! Mas vendo-te afundada na desgraça,
[não me peja **(540)**
acompanhar-te e fazer de tua sorte a minha.

ANTÍGONA

Os atos, estes a Morte e os lá debaixo os conhecem,
quanto à solidariedade não a quero só com palavras.

ISMENE

Querida irmã, não me consideres indigna

de morrer contigo e contigo homenagear o
[que tombou. **(545)**

ANTÍGONA

Não, não queiras morrer comigo, nem
te comprometas com atos meus. Que eu morra basta.

ISMENE

Que vida poderá agradar-me, se tu me deixas?

ANTÍGONA

Pergunta a Creonte, que te significa tanto!

ISMENE

Por que me feres? Que ganhas com isso? **(550)**

ANTÍGONA

Atormentada pela dor, eu me rio de ti.

ISMENE

Não há nada que eu poderia fazer por ti?

ANTÍGONA

Salva-te. Evita a morte. Não te invejo.

ISMENE

Desgraça! Recusas-me tua sorte?

ANTÍGONA

Tu escolheste viver; eu, morrer . **(555)**

ISMENE

Sem minha advertência, não.

ANTÍGONA

Foste sábia para uns; eu, para outros.

ISMENE

Mas no erro somos iguais.

ANTÍGONA

Coragem! Vives, meu espírito já há muito
está morto. Morta, quero servir aos mortos. **(560)**

CREONTE

Loucas, não há outra designação para ambas. Uma
enlouqueceu agora, a outra é louca de nascença.

ISMENE

A razão que trazemos do nascimento
não resiste ao presente infortúnio, ela se vai.

CREONTE

Isso te aconteceu ao decidires com a criminosa
[praticar crimes. **(565)**

ISMENE

O que de bom me oferecerá a vida sem ela?

CREONTE

Não digas “ela”, ela não existe mais.

ISMENE

Matarás a noiva do teu próprio filho?

CREONTE

Ele encontrará outros campos para lavrar.

ISMENE

Não há outra escolha nem para ele
[nem para ela. **(570)**]

CREONTE

Mulher desqualificada não quero para meu filho.

ISMENE

Querido Hemon, como te insulta teu pai!

CREONTE

Basta! Não me importunes com a lembrança
[deste matrimônio.

CORIFEU

Como? Privarás dela teu próprio filho?

CREONTE

A Morte impedirá este casamento por mim. **(575)**

CORIFEU

Para mim, já decidiste matá-la.

CREONTE

Para ti e para mim. Depressa, escravos.
Já para dentro com elas. Determino que
estas mulheres fiquem presas e que não
[andem soltas por aí.

Até os mais atrevidos fogem, quando **(580)**
vêem a Morte se aproximar para pôr fim à vida.

Segundo estásimo

Estrofe 1

Venturoso o que em vida não provou amarguras.
Daqueles cuja casa foi sacudida
pelos deuses, infortúnios
não cessam de visitar numerosas gerações
[sucessivas. **(585)**

Estas semelham ondas do
mar, que, açoitadas pelos ventos
e borrascas de Trácia,
se precipitam no abismo sombrio,
revolvem no fundo **(590)**
a negra areia e, castigadas,
bramam roucas
arremessadas contra rochas.

Antístrofe 2

Sobre a antiga casa dos labdácidas – percebo –
penas dos que partiram pendem sobre penas, **(595)**
sem que de nenhuma geração
venha refrigério a outra, penas
derramadas por um deus, e não têm fim.
A luz que inda agora
iluminava a casa de Édipo **(600)**
foi extinta por um pouco de pó
rubro, oferecido aos deuses inferiores,
a insensatez das palavras e um coração furioso.

Estrofe 2

Teu poder, ó Zeus, que insolência
dos homens poderá contê-lo? **(605)**
Nem o sono que imobiliza tudo,
nem os dos deuses incansáveis
meses. Tu, Senhor, insensível ao tempo,
preservas do Olimpo
a resplendente claridade. **(610)**
O presente, o vindouro
e o que já foi confirmam
esta lei. Nada de grande ocorre
na vida dos homens sem infortúnio.

Antístrofe 2

A errante esperança, **(615)**

ganho para muitos;
para outros, engano de desejos fugidios
insinua-se em quem nada sabe
até aproximar o pé do fogo ardente.

Sabedoria brilha **(620)**

no sábio adágio:

Considerar proveitoso o mal
é próprio daquele cuja mente
um deus conduz ao desvario:
breve tempo viverá **(625)**
alheio ao desacerto.

Terceiro episódio

CORIFEU

Aí vem Hemon, o último dos teus filhos.

[Estará preocupado
com a sorte da futura esposa?

A morte se avizinha de Antígona, sua noiva.

Dói-lhe muito o matrimônio falido? **(630)**

CREONTE

Logo saberemos melhor que adivinhos.

Filho, ouvindo a sentença irrevogável
que condenou tua noiva, vens furioso enfrentar teu
pai,

ou me estimas em quaisquer circunstâncias?

HEMON

Pai, sou teu. Teus úteis conselhos me traçam **(635)**
o caminho. Devo segui-los.

Nenhum casamento me estará acima
do teu sábio governo.

CREONTE

Meu filho, este é, na verdade, o sentimento que
[te convém:

subordinar tudo à vontade paterna. **(640)**

Esta é a razão de querermos criar filhos
obedientes em nossos lares,

que ataquem com rigor o inimigo

e que honrem o amigo como o próprio pai.

Mas o que sustenta filhos inúteis, **(645)**

dirás que ele não faz mais do que cultivar
seu próprio prejuízo para a alegria de seus inimigos.

Não queiras, meu filho, perder a razão

[pelo prazer que pode
proporcionar-te uma mulher. Sabendo que
glacial é o abraço **(650)**

de uma mulher malvada em tua casa. Poderá
haver chama mais pestilenta que um mau amigo?

Vamos, rechaça essa mulher como praga.

Que vá procurar marido no inferno.

Pois eu a apanhei desrespeitando abertamente **(655)**
as leis; de toda a cidade, só ela.

Não quero passar por mentiroso na minha cidade.

Eu a matarei. Que invoque, querendo, a Zeus,
protetor do lar. Se eu tolerar os desmandos
da minha gente, perderei autoridade

[sobre os demais. **(660)**

Quem é correto em sua própria casa,
também agirá com justiça na cidade.

O insolente, o transgressor das leis,
o que se opõe às autoridades
não conte com meu aplauso. **(665)**

A que a cidade conferiu poder, a este importa
obedecer,

seja nas grandes questões seja nas
[justas... e até nas injustas.

Atrevo-me a declarar que deverá
governar bem quem se dispõe a ser governado.

Na tempestade da guerra exaltado, **(670)**
saberá conduzir-se como digno combatente e honrado.

Não há mal maior que a anarquia,

ela devasta cidades, arrasa

casas, aniquila a investida

de forças aliadas. Mas, dos que prosperam, **(675)**

vidas são salvas pela obediência.

Por isso convém apoiar os que velam pela ordem

sem jamais ceder a uma mulher.

Se devemos cair, que seja pela mão de um homem.

Não se diga que somos inferiores às mulheres. **(680)**

CORIFEU

Muito bem, se a idade não me enfraquece o raciocínio,
posso afirmar que é sensato o que dizes.

HEMON

Caro pai, dos deuses nos vem a razão,
bem mais valioso que tudo quanto há.

Que não falas sabiamente, **(685)**

eu não poderia nem saberia dizê-lo.

Contudo, também a outros poderia ocorrer

[algo de acertado.

Como teu filho, cabe-me ver para teu bem tudo
o que se diz, faz ou murmura.

Tua imagem intimida o homem do povo **(690)**

que não se atreve a pronunciar palavras

[que não te agradariam.

Eu, no entanto, ouço, às escondidas,
como a cidade lamenta a sorte desta jovem,
de todas as mulheres a que menos merece
morte extremamente aviltante

[por ação inquestionavelmente bela **(695)**

como a de não consentir que o irmão
tombado em combate sumisse insepulto, exposto
à voracidade das aves e dos cães.

Não seria ela, antes, merecedora de

[recompensa em ouro?

Este obscuro rumor emerge no silêncio. **(700)**

Para mim, meu pai, nada é mais precioso
que tua ventura.

Haverá para os filhos tesouro maior que o brilho dos
pais;

para um pai, tesouro maior que o brilho dos filhos?

Não carregues em ti só uma morada

[da verdade: **(705)**

o que tu dizes, nada mais que isso.

Quem julga deter saber exclusivo,
possuir língua e mente estranhas aos demais,

nesse, se o abres, verás o vazio.

Para o homem, ainda que seja sábio, aprender **(710)**
continuamente e ser flexível não é vergonhoso.

Observa que, nas torrentes de inverno,
as árvores que cedem salvam os ramos,
enquanto as que resistem sucumbem,
[arrancadas as raízes.

Do nauta que firma resolutamente o pé **(715)**
e não arreda um passo, o barco vira
e a viagem termina com o casco ao vento.

Moderate-te. Abrande a ira.

Se há algum juízo em mim, embora
jovem, declaro que nada supera **(720)**
o homem que, por natureza, é dotado de saber.
Não sendo assim – com frequência não o é –
convém estar atento ao que de bom se diz .

CORIFEU

Senhor, importa, se ele falou a propósito, refletir.
E tu também. De ambas as partes ouvimos
[palavras adequadas. **(725)**

CREONTE

Deveria eu, na minha idade, dar
ouvidos a um jovem como ele?

HEMON

A nada que não seja oportuno. Se sou jovem,
importa atentar não para a idade mas para os fatos.

CREONTE

Apresentas como fato a obediência a
[um rebelde. **(730)**

HEMON

Não é assim, não espero consideração a malfeitores.

CREONTE

Não é este o mal que te afeta?

HEMON

Não é este o parecer da cidade de Tebas.

CREONTE

A cidade, acaso, me dirá como devo agir?

HEMON

Não percebes que falas como um
[jovem inexperiente? **(735)**

CREONTE

Por vontade de outro hei de governar
[esta cidade ou por minha?

HEMON

Não há cidade que seja de um só.

CREONTE

A cidade não pertence a quem governa?

HEMON

Belo governante serias, sendo único numa cidade deserta.

CREONTE

Parece-me que este é aliado dessa mulher. **(740)**

HEMON

Se tu és mulher, sim; preocupo-me contigo.

CREONTE

Miserável! Acusando teu pai?

HEMON

Pelo que vejo, teus erros não favorecem a justiça.

CREONTE

Erro se defendo meu governo?

HEMON

Não o defendes se pisoteias honras devidas
[aos deuses todos. **(745)**

CREONTE

Que atitude abjeta, render-se a uma mulher.

HEMON

Não me surpreenderás sujeito a atos vergonhosos.

CREONTE

No entanto, todo o teu arrazoado é favorável a ela.

HEMON

Como é favorável a ti, a mim e aos deuses dos mortos.

CREONTE

Viva, ela não será nunca tua mulher. **(750)**

HEMON

Ela morrerá e ao morrer matará outro.

CREONTE

Ousas ameaçar-me?

HEMON

Refutar arrazoados fúteis é ameaçar?

CREONTE

Lágrimas te devolverão o juízo, já que perdeste a cabeça.

HEMON

Se não fosses meu pai, diria que estás louco. **(755)**

CREONTE

És escravo de uma mulher, não me venhas
[com sentimentos filiais.

HEMON

Falas e não queres ouvir o que tenho a dizer-te?

CREONTE

Verdade? Juro pelo Olimpo, fica sabendo que impunemente não lançarás injúrias contra mim. Trazei-me a maldita, que morra **(760)** agora mesmo, à vista deste seu noivo.

HEMON

De maneira alguma! Não contes com isso. Ela não morrerá na minha presença.

[E tu não verás mais
o meu rosto com os teus olhos.
Exibe tua loucura a quem dos teus se
[disponha a vê-la. **(765)**

CORIFEU

O jovem, Senhor, retirou-se ríspido, movido pela ira. Em moços, a aflição inspira cuidado.

CREONTE

Que se vá! Alimente a ilusão de que é mais
[que os outros.
Esta moça ele não salvará da morte.

CORIFEU

Queres matar os dois? **(770)**

CREONTE

Acertaste. A que não tocou o cadáver está livre.

CORIFEU

Que morte pretendes dar-lhes?

CREONTE

Eu a enviarei a um lugar onde nunca ninguém pisou.

Vou prendê-la viva numa prisão lavrada em rocha.

De alimento só terá o necessário **(775)**

para isentar a cidade da pecha de

[tratamento sacrílego.

Lá ela poderá invocar a Morte, único deus
a quem rende culto para não desaparecer.

Do contrário, ela saberá, enfim, que
é esforço inútil cultuar a Morte. **(780)**

Terceiro estásimo

Estrofe 1

Eros, vitorioso na guerra,
Eros, que te abates sobre
bestas, e nas suaves faces
da jovem dormes,
vagas sobre as ondas **(785)**

e penetras em rebanhos campestres.

De ti nenhum
dos deuses escapa,
nenhum dos efêmeros

homens. Quem tocas delira. **(790)**

Antístrofe 2

Tu arrastas o coração dos
justos à ruína.

Tu instigas a luta
entre gente do mesmo sangue.

Vence o desejo que brilha **(795)**

nos olhos da virgem
no leito, companheiro dos grandes
estatutos que presidem o mundo.

Vitoriosa
seduz a divina Afrodite. **(800)**

Quarto episódio

CORIFEU

Agora até eu me distancio destas determinações
ao me defrontar com este espetáculo.
Já não consigo cerrar a fonte das lágrimas,
ao ver Antígona se aproximar
da câmara mortuária, **(805)**
destino de todos.

ANTÍGONA

Eis-me, cidadãos da minha pátria,
a trilhar o derradeiro caminho,
a contemplar os últimos raios do sol.
Este é o fim. A acolhedora **(810)**
morte me leva viva
às margens do Aqueronte,
rio de águas amargas,
sem desfrutar
cantos nupciais. **(815)**
Noiva serei de Finados.

CORIFEU

Gloriosa e acompanhada de louvor
te encaminhas ao recinto dos mortos,
sem feridas de enfermidades molestas,
sem golpes de espada voraz, **(820)**
senhora de tua própria lei, viva, só tu
entre os mortais baixarás ao Hades.

ANTÍGONA

Ouvi que a estrangeira frígia, Níobe,
a filha infausta de Tântalo
pereceu no áspero cume de Sípilo, **(825)**
imobilizada pela rocha,
hidra tenaz.
Mas dissolvida pela chuva,
ao que se relata,
a neve nunca a deixa, **(830)**
lágrimas correm de seus olhos
em pranto. Um nume
destina-me leito igual.

CORIFEU

Mas era deusa, nascida de um deus,
ao passo que somos mortais,
[nascidos de mortais. **(835)**
Fenecida, de ti se dirá
que alcançaste quinhão de brilho divino,
da vida e da morte partícipe.

ANTÍGONA

Vítima sou de chacota. Por que, pelos deuses
pátrios, não me insultam morta mas **(840)**
insultam-me viva?

Ó pátria, ó da pátria
assinalados varões,
fontes de Dirce, sacro bosque
de Tebas e rodas e carros, quero-vos **(845)**
por testemunhas. Estou só.

[Não me choram amigos. Vede
que leis me golpeiam. Vou a uma
prisão-tumba,
tumba de rochas.
Desdita, **(850)**
não me procureis entre vivos
nem entre mortos.
Nem viva, nem morta.

CORIFEU

Exaltada em alta audácia,
no pedestal da elevada Justiça bateste, ó filha, **(855)**
vítima de culpa paterna.

ANTÍGONA

Em doloridos cuidados tocaste,
no amargo sofrer paterno,
em todo o passado
de nossas penas, **(860)**
nós, os celebrados filhos de Lábdaco.

Maldito leite de minha mãe,
unida a seu próprio filho,
meu pai,
nascido dessa mesma desdita mãe, **(865)**
dos quais eu, infausta sou filha.
Vou, desventurada, habitar com eles
sem esposo.
Que triste
enlace, irmão, alcançaste. **(870)**
Com tua morte me matas.

CORIFEU

Honrar os deuses é, sem dúvida, ato piedoso.
Mas quem detém o poder
não admite insubordinação.
Teu lance ousado te aniquilou. **(875)**

ANTÍGONA

Sem pranto, sem amigos, sem núpcias,
sou, desventurada, arrastada
por este franqueado caminho.
O brilho desta flama sagrada
já não me é dado, infeliz, contemplar. **(880)**
Minha morte não-chorada
amigo nenhum lamentará.

CREONTE

Acaso ignorais que, se tolerássemos,
antes da execução, cantos e gemidos,
[eles não cessariam?

Levai-a já e a encerrai **(885)**
na tumba rochosa, como determinei.
Deixai-a só. Morrer
ou continuar viva naquela morada, fica a seu critério.
Quanto a ela, estamos limpos,
só impedimos que conviva com vivos. **(890)**

ANTÍGONA

Ó tumba, ó tálamo, ó cárcere
escavado, prisão sem fim. A ti me dirijo
em busca dos meus, numerosos,
mortos meus, hóspedes de Perséfone,
[a deusa da morte,
a derradeira, eu, a mais desdita, em muito, **(895)**
vou, antes de completar o quinhão da minha vida.
Mas, ao partir, alimento a esperança
de chegar, querida ao pai, muito querida a ti,
mãe, querida a ti, caríssimo irmão.
Íeis morrendo, e eu, com minhas próprias mãos, **(900)**
vos lavei, vos cobri e vos administrei
libações. Agora, Polinice, por haver tratado
teu corpo, recebo esta paga.
Contudo, eu te honrei devidamente aos
[olhos dos sensatos.
Se eu fosse mãe e vítima fosse um de
[meus filhos, **(905)**
se meu marido se corrompesse morto,
[eu não teria realizado
este trabalho contra a determinação dos cidadãos.
Obediente a que norma digo isso?

Morrendo meu esposo, poderia ter outro,
filhos outro homem, perdendo um,
[poderia dar-me, **(910)**
mas irmão, visto que pai e mãe foram
[recolhidos à Morte,
jamais será possível que outro floresça.
Esta é a lei que me orienta.
Creonte, entretanto, julgou-me criminosa,
perigosamente ousada, querido irmão. **(915)**
Agora estou nas mãos dele, prendeu-me
[antes de provar
o leito matrimonial, antes do canto nupcial, antes
das carícias do esposo, antes de educar filhos.
Sem amigos, maldita, parto
viva para a morada dos mortos. **(920)**
Que norma divina transgredi?
Que me vale, infeliz, elevar os olhos aos
deuses? Que aliado me virá? Sendo piedosa,
sou tida como ímpia.
Ora, se isto é agradável aos deuses, **(925)**
o sofrimento me ensinará que errei.
Mas, se o erro é dele, não poderá
padecer mal maior que este que me impõe.

CORIFEU

Rajadas dos mesmos ventos
perturbam-lhe o espírito. **(930)**

CREONTE

Por isso, pagarão com lágrimas
a lentidão com que a conduzem.

ANTÍGONA

Ah! Esta ordem me avizinha da
da morte.

CREONTE

Não te recomendo alimentar esperança **(935)**
nem esperar outro resultado.

ANTÍGONA

Ó terra tebana, pátria da minha gente,
e vós, deuses da minha progênie,
parto, a hora chegou.

Vede, senhores tebanos, **(940)**
a última filha, aqui, de vossa casa real.
Vede os males que aqui padeço dos homens
por ser piamente piedosa.

Quarto estásimo

Estrofe 1

A formosa Dânae trocou também a luz celeste
pelo cárcere de bronze, **(945)**
em tumba-tálamo guardada.
E eras de nobre linhagem,
ó filha, filha.
De Zeus abrigavas no ventre

semente de ouro. **(950)**
Mas terrível é a força da sina.
Nem arcas nem armas
nem torres nem negras
naves marinhas lhe escapam.

Antístrofe 1

Submetido foi o irado filho de Drias, **(955)**
rei dos edonos. Por injuriosos sarcasmos,
Dioniso o prende
em calabouço de pedra.
Ali depõe, gota a gota, da tolice o ímpeto
violento. Reconheceu aquele a loucura **(960)**
de atacar Baco com termos injuriosos.
Vangloriava-se de serenar as entusiásticas
bacantes e de extinguir
o fogo dos mistérios,
irritou, contudo, as Musas Filauletas. **(965)**

Estrofe 2

Junto às águas das Rochas Negras,
perto dos mares gêmeos,
na embocadura do Bósforo
e do trácio Salmidesso,
Ares, ali celebrado, **(970)**
viu infligir a ferida abominável
nos dois filhos de Fineu,
obra duma madrasta selvagem,

arrancando das míseras órbitas os olhos
não com a espada, mas com sanguinolentas **(975)**
mãos e lançadeira pontuda.

Antístrofe 2

Os míseros,
desfeitos em prantos,
seu mísero mal choravam,
filhos de mãe mal-casada. **(980)**
E ela vinha de progênie antiga,
dos filhos de Erecteu,
em distintas cavernas se criou
entre paternas tempestades. Nascida de Bóreas,
rápida como um corcel em rotas escarpadas. **(985)**
Embora filha de deuses, atacam-te
as Moiras imorredouras, ó filha.

Quinto episódio

TIRÉSIAS

Senhores tebanos, chegamos pelo mesmo caminho,
guiados pelo olho de um só. Para os cegos,
a vereda é indicada pelo guia. **(990)**

CREONTE

Que há de novo, nobre cidadão Tirésias?

TIRÉSIAS

Falarei, e tu, dá ouvidos ao adivinho.

CREONTE

Jamais me afastei do teu conselho.

TIRÉSIAS

Por isso, conduziste bem esta nau, tua cidade.

CREONTE

Posso testemunhá-lo, foram-me
[úteis tuas palavras. **(995)**

TIRÉSIAS

Toma cuidado, que agora tua sorte está por um fio.

CREONTE

Que será? Tua boca me abala.

TIRÉSIAS

Vais sabê-lo; presta atenção aos sinais de minha arte.

Ao ocupar o antigo assento dos auspícios,

porto de toda sorte de aves, **(1000)**

percebo ruídos de pássaros estranhos,

pipilos excitados, confusa algaravia. Compreendi

que com suas garras sanguinolentas se dilaceravam,

o ruído de suas asas me esclarecia.

De imediato, assombrado, recorro ao sacrifício **(1005)**

no altar ardente. Das minhas oferendas

o fogo não brilhou. Nas cinzas umedecidas

pingava a gordura derretida das coxas,

levantava fumaça, pipocava. A bile pula,

parte-se no ar. Os ossos despojados **(1010)**

de revestimentos se expuseram.

Informações obtive deste menino,

presságio malogrado de ritos obscuros.

Ele é meu guia; de outros, sou eu.

Os males desta cidade procedem de tua cabeça.

(1015)

Nossos altares e nossos lares todos estão

[impregnados

do cheiro da carniça que ofereceste a cachorros

[e abutres,
o filho do infeliz filho de Édipo, tombado em batalha.
Por isso, já não recebem os deuses as súplicas
que sobem dos altares, nem atentam
[para a chama dos sacrifícios. **(1020)**
Aves não emitem sons propícios
porque se fartaram da graxa e do sangue de um
ultrajado.
Reflete sobre isto, filho. Todos os homens
comungamos do erro.
Uma vez cometido, esse não pode
[ser considerado **(1025)**
tolo ou desdito, que, afundado em culpa,
repara o mal e não se obstina.
A arrogância atrai a loucura.
Detém-te ante o morto. Não queiras matar
quem já morreu. Que bravura há em
[exterminar um cadáver? **(1030)**
Falo pensando no teu bem. Doce é dar
ouvidos a quem nos fala, se é para nosso proveito.

CREONTE

Todos voltam os arcos sobre mim, velho,
como se eu fosse alvo. Até este adivinho
se aliou aos outros. Essa mesma gente **(1035)**
me vende, me trata como mercadoria já faz tempo.
Correi atrás de lucro, comprai todo o ouro branco
de Sardes, se quereis, e todo o ouro amarelo
da Índia, mas aquele miserável ninguém
[meterá em sepultura.

Nem se as águias de Zeus quiserem carregar

[carniça roubada **(1040)**

ao trono do deus supremo, nem assim

permitirei, assustado de sacrilégio,

que esse seja enterrado. Sei muito bem

que macular os deuses ninguém pode.

Até os mais hábeis dentre os mortais,

[meu velho Tirésias, **(1045)**

caem vergonhosamente em ciladas

[quando seduzidos pelo ganho,

revestem pensamentos escusos com

[palavras vistosas.

TIRÉSIAS

Maldição! Não há ninguém que saiba, que raciocine?

CREONTE

O quê? Que queres dizer com essas vulgaridades?

TIRÉSIAS

Que juízo é o maior dos bens. **(1050)**

CREONTE

Como, penso, a falta de juízo é o maior dos males.

TIRÉSIAS

É precisamente este o mal que te afeta.

CREONTE

Recuso-me a ultrajar um adivinho.

TIRÉSIAS

Ultrajas, contudo, se declaras meus vaticínios mentirosos.

CREONTE

A classe dos adivinhos é ávida de dinheiro. **(1055)**

TIRÉSIAS

Os tiranos preferem lucro desonesto.

CREONTE

Sabes que te referes a quem te governa?

TIRÉSIAS

Sei! Se governas esta próspera cidade,
[é por interferência minha.

CREONTE

És um adivinho experto, mas gostas de molestar.

TIRÉSIAS

Não me obrigues a dizer o que guardo na mente.
(1060)

CREONTE

Fala, desde que não seja para tirares proveito.

TIRÉSIAS

Minha intenção é prestar-te um serviço.

CREONTE

Fica sabendo que meus planos não estão à venda.

TIRÉSIAS

Pois sabe que o sol não completará
muitas voltas em seu carro **(1065)**
antes que tenhas que entregar um morto
saído de tuas próprias entranhas como paga
[por outros mortos,
visto que lançaste um dos daqui entre os de lá,
ao encerrare, para vilipendiar, uma pessoa
[viva numa sepultura,
enquanto preservas aqui um de lá,
[propriedade **(1070)**
dos deuses infernais, cadáver sem sepultura, ultrajado.
O que fizeste não é permitido nem a ti nem
[aos deuses lá do alto,
aos quais tu impuseste um cadáver à força.
Quem comete tais crimes será procurado
pelas Fúrias dos deuses e da Morte,
[infatigáveis, **(1075)**
para ser punido com os mesmos males.
Considera agora se digo isso sedento
de ouro. Pouco tempo passará e se ouvirão em tua
casa

gemidos de homens e de mulheres.
O ódio já arregimenta todos os estados **(1080)**
cujos filhos dilacerados não tiveram outra
[sepultura que
cães, feras ou alguma ave
a contaminar altares com porções pestilentas.
Estas são as frechas – pois me feres – que
envio certas ao teu coração. **(1085)**
Do fogo desta ferida não escaparás.
Menino, leva-me para casa. Que
este derrame sua cólera sobre os mais jovens,
aprenda a cultivar linguagem menos agressiva
e mostre juízo mais equilibrado que
[o que agora ostenta. **(1090)**

CORIFEU

Rei, meu Senhor, ele nos deixa vaticínios amargos.
Sabemos, desde a época em que estes cabelos
brancos substituíram os pretos, que
este homem nunca falou falsidades a esta cidade.

CREONTE

Também eu o sei e isto me abala. **(1095)**
Duro é ceder, mas afrontar
desgraça e afundar na desventura é duro também.

CORIFEU

Só posso recomendar prudência, Creonte, filho de Meneu.

CREONTE

Que devo fazer? Fala. Obedecerei.

CORIFEU

Corre! Tira a moça da gruta **(1100)**
subterrânea. Ergue um túmulo ao que tombou.

CREONTE

Teu conselho é este? Pensas que devo ceder?

CORIFEU

E o mais rápido possível, Senhor. Os velozes danos
dos deuses alcançam os infratores indecisos.

CREONTE

Piedade! Constrangido, deixo as decisões **(1105)**
tomadas. É inútil combater o inevitável.

CORIFEU

Faze tu mesmo o que deve ser feito.
[Não o confies a outro.

CREONTE

Vou como estou. Vamos! Vamos! Quero todos,
presentes e ausentes. De machados em punho,
correi até a colina que lá se vê. **(1110)**
Eu mesmo – esta é minha decisão –,
eu a prendi, eu a libertarei.
Suspeito que observar as leis estabelecidas

é o melhor a fazer no percurso desta vida.

Quinto estásimo

Estrofe 1

Polionomástico, tesouro da ninfa cadméia **(1115)**
e do Zeus baritroante
filho, tu que tutelas a
ínclita Itália
e que imperas
nos acolhedores vales da Deméter **(1120)**
eleusina, ó Baco
de Tebas, metrópole das bacantes,
tu, assentado junto à corrente
úmida de Ismeno, sobre a semente
do feroz dragão. **(1125)**

Antístrofe 1

A ti viram-te
sobre a rocha partida
a chama fumegante (onde
dançam as ninfas de Corico)
e a fonte Castália. **(1130)**
Enviaram-te ladeiras
de Nisa, revestidas de hera, e as encostas
ornadas de uvas
quando, de imorredouras vozes
invocado, as vias **(1135)**

tebanas percorres.

Estrofe 2

Tebas, de todos os centros
o mais honrado por ti
e por tua mãe fulminada!
Agora que nossa populosa pátria **(1140)**
padece de mal cruel,
vem com passo purgador
pelos picos do Parnaso
ou pelo estreito
ressonante. **(1145)**

Antístrofe 2

Tu que guias a dança
dos astros em chama, e noturnas
vozes presides,
filho, rebento de Zeus, mostra-te,
Senhor, com teu cortejo **(1150)**
de Tíadas,
que em noturnas
danças te celebram a ti,
próspero laco.

MENSAGEIRO

De Cadmo, nobres vizinhos e
[do solar de Anfião, **(1155)**
não há existência humana que em vida

eu não pudesse exaltar ou vituperar,
pois a fortuna abate o afortunado
e eleva o desafortunado sempre.

Vidente nenhum traz garantia

[aos sujeitos à morte. **(1160)**

Creonte – para mim – vivia vida invejável

[até bem pouco,

protegeu o território cadmeu de inimigos.

Apossando-se do poder absoluto,

reinou em fértil florada de filhos.

Tudo lhe escapa agora. As doçuras da vida, **(1165)**

quando alguém as perde, não posso dizer

que vive, tenho-o por morto vivente.

Enche a casa de riquezas, se é disso que gostas, vive
com pompas de rei; se com isso

perdes a alegria – fortuna sem viço –, **(1170)**

nem a fumaça de uma sombra eu daria.

CORIFEU

Que novo infortúnio dos nossos soberanos nos trazes?

MENSAGEIRO

Morte. E o culpado da morte vive.

CORIFEU

Quem é o assassino? Quem é a vítima? Fala!

Mensageiro

Hemon está morto. Sangue de seu sangue

[o matou. **(1175)**

CORIFEU

Foi a mão de seu pai ou sua própria que o matou?

MENSAGEIRO

Sua própria; transtornou-o a morte cometida pelo pai.

CORIFEU

Vidente, deixaste-nos palavra correta.

MENSAGEIRO

Sendo assim, convém também deliberar
[sobre as demais.

CORIFEU

Vejo Eurídice, a infeliz, **(1180)**
a esposa de Creonte. Vem do palácio.
Ouviste falar do filho? Trouxe-a o acaso?

EURÍDICE

Senhores conselheiros, captei palavras
ao sair para fazer preces
a Palas Atena. **(1185)**
Eu desprendia os ferrolhos da porta cerrada,
quando notícias de males da minha gente
me feriram os ouvidos. Caí desfalecida nos braços
das minhas domésticas, tomada de medo.
Qualquer que seja a notícia, quero ouvi-la. **(1190)**
Falai! Em desgraças sou experiente.

MENSAGEIRO

Cara Senhora, direi o que vi,
não quero afastar-me da verdade nem com
[uma só palavra.

Por que te enganaria, se logo descobririas
que menti? Verdade é sempre o melhor. **(1195)**

Como guia, acompanhei teu esposo até
o extremo da planície, onde ainda jazia
o corpo do desdito Polinice, dilacerado pelos cães.
Depois de termos invocado Perséfone
e Plutão para propícios aplacarem a ira, **(1200)**
purificamos o corpo com lavacro sacro, queimamos
os restos com ramos verdejantes e
elevamos um túmulo revestido de
pó da pátria. Em seguida fomos
ao côncavo tálamo da noiva de Averno. **(1205)**

Alguém ouve, de repente uma voz.

[Eram gemidos agudos
vindos de longe, dos arredores dessa insólita
[câmara nupcial.

Busca Creonte. Comunica ao Senhor o que ouviu.
Quando este se aproxima, fere-lhe os ouvidos
confuso rumor de lamentos. Conturbado, proferiu

(1210)

estas apavorantes palavras: “Que será de mim?
Acaso sou vidente? Será este o mais penoso
caminho de quantos já percorri?
A voz do meu filho acaricia-me os ouvidos.

[“Vamos, pessoal,

depressa, aproximai-vos da tumba, **(1215)**
removei as pedras e escutai se é de Hemon
a voz que ouço, ou se estou
sendo ludibriado pelos deuses”.

Obedientes às determinações do Senhor desvairado,
apuramos isso: no fundo da tumba **(1220)**
vimos Antígona suspensa pelo pescoço,
enforcada com um lenço de finíssimo linho
e Hemon, abraçando-a pela cintura,
deplorando a esposa, perdida na morte,
os atos do pai e as bodas arruinadas. **(1225)**

Creonte, quando o vê, a brados pungentes
avança até o filho e entre lágrimas clama:
“Mísero, que fazes? Que tens em
mente? Em que calamidade te lanças?
Acompanha-me, filho, suplicante te rogo”. **(1230)**

O jovem encara o pai com olhos ferozes,
cospe-lhe no rosto e, sem dizer nada, puxa
da espada de dupla guarda. O pai,
esquivando-se do golpe, foge. Sem conselho,
rebelado contra si mesmo, transtornado

[como estava, ajusta **(1235)**
a espada ao flanco e a introduz até a metade.

[Ainda
na posse de si, estende os braços
[lânguidos à noiva, estreita-a
e numa golfada lança-lhe uma impetuosa corrente
de rubro líquido no lívido rosto.

Tomba morto junto à morta. O desdito **(1240)**
celebrou as bodas no palácio da Morte.

Mostrou, assim, que, para os homens,
[a falta de conselho
é o maior de todos os males.

CORIFEU

Que pensar? A rainha
retirou-se sem dizer palavra, nem boa
[nem má. **(1245)**

MENSAGEIRO

Também eu estou surpreso. Nutro a esperança de que,
depois de saber das dores do filho,
[não julgou conveniente
externar as aflições a todos. Preferiu pranteá-lo
nos seus aposentos, entre domésticas,
reservadamente.
Sensata que é, resguarda-se de desatinos. **(1250)**

CORIFEU

Não sei. Silêncio completo parece-me
tão grave quanto alarido descontrolado.

MENSAGEIRO

Pois bem, já saberei se guarda sentimento
secreto em seu coração atormentado.
Vou averiguar. Tens razão, **(1255)**
também o silêncio cerrado inquieta.

CORIFEU

Ora, aqui temos o rei em pessoa,
traz nos braços prova inequívoca,
se podemos dizer assim, não de loucura
alheia, mas de seu próprio engano. **(1260)**

CREONTE

Erros de razão irracional,
duros, mortíferos!
Vedes assassino e
vítima, ambos da mesma estirpe.
Este é o produto das minhas decisões. **(1265)**
Ó filho, imaturo por imatura morte
– Que tormentosa dor! –,
morreste, partiste
por desacertos meus, não teus.

CORIFEU

Tudo indica que tarde reconheceste a justiça. **(1270)**

CREONTE

Assim é,
tenho o mal por mestre. Golpeou-me a cabeça
um deus então, e então carga pesada
me impôs, conduziu-me
a caminhos agrestes, **(1275)**
arrasou corriqueiros prazeres,
miseros despropósitos dos homens.

SEGUNDO MENSAGEIRO

Senhor, como um que tem e ainda terá,
isso já nos braços e aquilo ainda por vir, o mal
que no palácio te aguarda em breve verás. **(1280)**

CREONTE

Que poderá haver de mais amargo que esta
amargura?

SEGUNDO MENSAGEIRO

Tua esposa, a mãe deste morto, mais mãe
[que esposa, está morta.
Já deplorável, golpeou-a novo golpe.

CREONTE

Porto insaciável da Morte,
por que, pois, por que me fustigas? **(1285)**
E tu portador
de molestas mensagens e prantos,
[que novas atrocidades atroas?
Matas um homem já morto.
Que dizes, meu jovem, que novidade me trazes?
Maldição! **(1290)**
A morte de minha mulher
somada a esta? Morte é minha sorte?

SEGUNDO MENSAGEIRO

Podes vê-la. Já a tiraram da câmara.

CREONTE

Que visão!

Já maldito, percebo esta nova maldição. **(1295)**

Que, dissei-me, que outra ruína me espera?

Com o corpo do meu filho nos braços,
golpeia-me o espetáculo de outra morte.

Deplorável mãe, lastimável filho! **(1300)**

SEGUNDO MENSAGEIRO

Junto ao altar, ferindo-se com lâmina aguda,
esta entrega seus olhos às trevas, que vertiam
lágrimas

ainda por outro filho, Megareu, gloriosamente morto,
depois, por este;

finalmente, lançou maldições **(1305)**
contra ti, filicida.

CREONTE

É insuportável!

O terror me abala. Por que não me atacam
de frente com espada de dois gumes?

Desgraçado, **(1310)**
afundo em dupla desgraça.

SEGUNDO MENSAGEIRO

Culpado desta morte
e da anterior, ela declarou-te ao morrer.

CREONTE

De que modo entregou-se à morte?

SEGUNDO MENSAGEIRO

Feriu o fígado com as próprias mãos, **(1315)**
mal soube dos agudos sofrimentos do filho.

CREONTE

O único culpado sou eu, e nenhum outro.
Eu, só eu foi quem matou, miserável.
Eu, falo a verdade.
Já, guardas, **(1320)**
levai-me daqui,
tirai-me
sem demora.
Eu não sou nada,
sou menos que ninguém. **(1325)**

CORIFEU

O que me pedes é ganho, se é que há ganho na ruína.
Males mais leves são os mais breves.

CREONTE

Já, já
venha o melhor da minha sorte,
o que me traz o termo de meus dias. **(1330)**
Venha, venha!
Que eu não veja a luz de novo dia!

CORIFEU

Coisas futuras... Atos requer o
presente.

Do futuro cuida quem deve. **(1335)**

CREONTE

O que vos peço é só o que quero.

CORIFEU

Não faças votos. Não está no alcance
dos mortais evitar o que está determinado.

CREONTE

Levai para longe este insensato,
que, ó filho meu, não te matou deliberadamente,
(1340)

nem a esta. Ai de mim,
já não sei o que fazer,
para quem olhar.

Tudo o que tenho nas mãos vacila,
e sobre minha cabeça **(1345)**
a fatalidade desaba, insuportável.

CORIFEU

A prudência é, em muito,
a primeira das venturas.
Contra os deuses
não convém agir. Palavras altivas **(1350)**
trazem aos altivos
castigo atroz.
Velhice ensina prudência.

Capa: L&PM Editores
Revisão: Renato Deitos
Tradução: Donaldo Schüller

S681a

Sófocles; 496a.C. - 406 a.C.
Antígona [recurso eletrônico] / Sófocles; tradução de
Donaldo Schüller. – Porto Alegre: L&PM, 2011.
Recurso eletrônico; (Coleção L&PM Pocket; v. 173)

Formato: ePub
ISBN 978-85-254-0814-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção grega - tragédias. I. Título. II. Série.

CDD 882.01
CDU 875-21

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB
10/329.

© da tradução, L&PM Editores, 1999

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 - Floresta - 90220-180

Porto Alegre - RS - Brasil / Fone: 51.3225.5777 - Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br